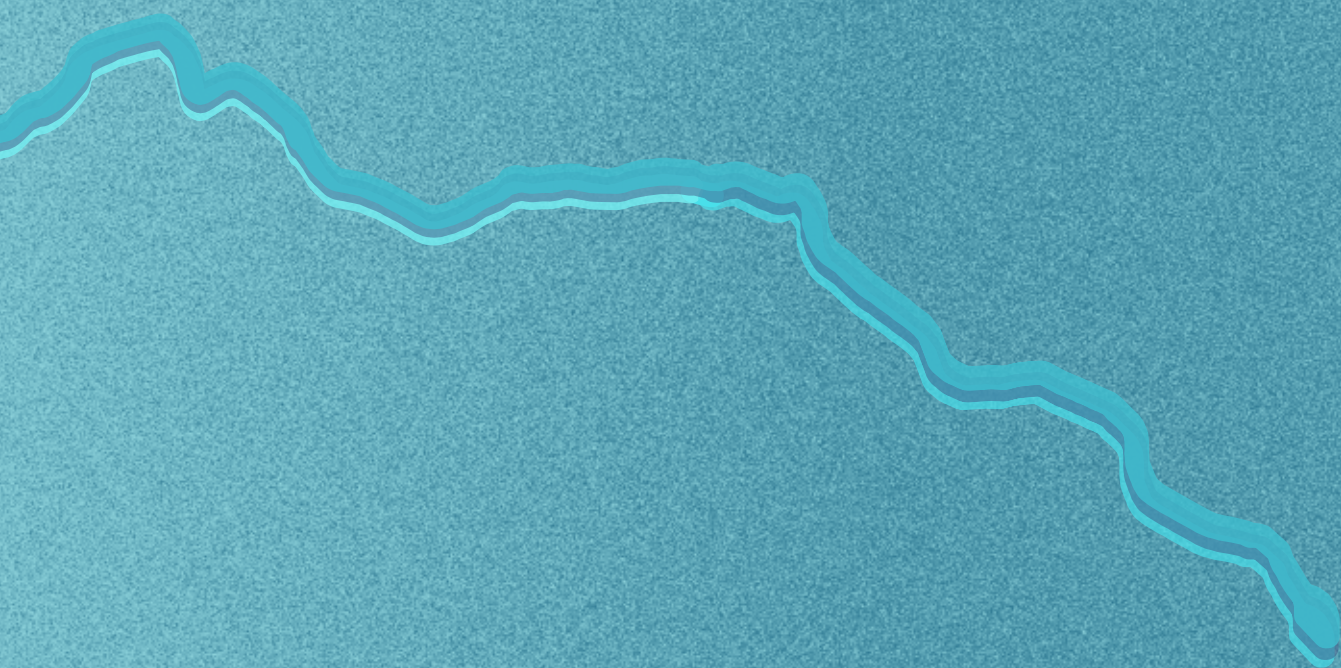


ÀS MARGENS

(in)visibilidade do
Córrego da Prata

(Goiás-GO)



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Esther Moreno Lima Landivar

Título do trabalho: ÀS MARGENS: (in)visibilidade do Córrego da Prata (Goiás-GO)

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Esther Landivar

Assinatura(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as)²

Ciente e de acordo:

Leandro Landivar

Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 11/06/2021

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(a)(s) autor(a)(es)(as) e ao(a) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.

ÃS MARGENS

(in)visibilidade do Córrego da Prata
(Goiás-GO)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito para obtenção do grau de Bacharelado em
Arquitetura e Urbanismo à Unidade Acadêmica
Especial de Ciências Sociais Aplicadas da
Universidade Federal de Goiás, Campus Goiás.

Esther Moreno Lima Landivar

Orientadora Prof.^a Dra. Carina Folea Cardoso Paes
Coorientador Prof. Dr. Arthur Simões Caetano Cabral

Trabalho de conclusão de curso
Arquitetura e Urbanismo | UFG/Goiás

Goiás | Junho 2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Landivar, Esther Moreno Lima
ÃS MARGENS (in)visibilidade do Córrego da Prata (Goiás-GO)
[manuscrito] / Esther Moreno Lima Landivar. - 2021.
88, LXXXVIII f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Carina Folea Cardoso Paes; co
orientador Dr. Arthur Simões Caetano Cabral.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências
Sociais Aplicadas, Arquitetura e Urbanismo, Cidade de Goiás, 2021.
Bibliografia.
Inclui mapas, fotografias.

1. (in)visibilidade. 2. água. 3. natureza. 4. poética. 5. paisagem. I.
Paes, Carina Folea Cardoso, orient. II. Título.

CDU 72



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos quatro dias do mês de junho do ano de 2021 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “ÀS MARGENS: (in)visibilidade do Córrego da Prata (Goiás-GO) ”, de autoria de Esther Moreno Lima Landivar, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais Aplicadas da UFG. Os trabalhos foram instalados pela professora Dra Carina Folena Cardoso Paes – orientadora (UAECSA/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: professor Arthur Simões Caetano Cabral (UAECSA/UFG), coorientador, professor Gabriel Teixeira Ramos (UAECSA/UFG) e arquiteto Roberto Rüsche (FAU/USP). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **10,00 (dez)**, tendo sido o TCC considerado **aprovada**.

Seguem abaixo os comentários da banca:

A banca salienta o cuidado na concepção do trabalho, no que tange à estruturação, percurso e estrutura. A questão de trabalho é bem pontuada, assim como a escrita é bem desenvolvida e apropriada à lente de análise e proposição do projeto. A partir da leitura do trabalho, a banca pontua os seguintes aspectos: a) Existem temporalidades diferentes expressas no projeto, como o tempo da natureza, da cidade, da cultura, do quanto a ocupação humana se sobrepõe à natureza e o tempo das relações humanas com o natural; b) Quando a autora do projeto aborda o encontro dos três tempos, o Cerrado assume uma dimensão universal; c) O trabalho estimula a se pensar no relato dos viajantes e no contato com nossa ancestralidade, com a nossa existência no mundo, aspectos que lhe são marcantes, uma vez que se vive um momento de desconexão com nosso eu interior e com a natureza, devido ao modo de vida contemporâneo. A intervenção reforça a narrativa e os aspectos de interesse pontuados pela autora, constituindo um produto coerente. A banca lançou como indagação: o que a natureza ensina sobre esse lugar? O que há de latência nesses lugares? O que se espera destes lugares? A estudante respondeu à questão aludindo ao imaginário coletivo e às simbologias que estão inerentes aos elementos naturais. O percurso de projeto levou à estudante a reconhecer a natureza e a forma de a tematizar de modo diferente, de modo a cultivar a apreensão sensível dos espaços, mesmo que estes não sejam dotados de exuberância no senso comum. A banca salienta a importância de se tematizar os elementos preexistentes em relação ao projeto, o valor que lhes é inerente, a dimensão temporal incorporada à existência dos elementos naturais. A banca destaca a leitura acertada do lugar em relação às suas ambiências e preexistências, num método que não privilegia como ponto de partida inicial questões meramente objetivas e práticas. O projeto ressaltar aquilo que está no lugar é um ponto muito positivo. As referências teóricas trazidas como baliza de análise e proposição são muito pertinentes à abordagem do trabalho, contudo a banca indica que a reflexão pautada em um menor número de referências poderia ajudar a focar no cerne do que se almeja trabalhar e valorizar. Deter-se, por exemplo, a Bachelard, nesse sentido, já poderia fornecer instrumentos o suficiente para a abordagem conceitual, analítica e propositiva com relação à paisagem. Poderia ter havido uma apresentação mais marcante da área de projeto, no sentido poético, contemplando em maior detalhe a área da nascente. A apresentação do trabalho, nesse sentido, promove uma melhor introdução da área do que o caderno em si. A banca também ressalta a característica de delicadeza, elegância e gentileza que a discente apresenta em desenvolver seus estudos e propostas para área. O trabalho tem relevância com relação à questão da invisibilidade, especialmente no que tange aos bens naturais. A avaliação da banca, também com relação ao processo, aponta uma evolução do

trabalho face as etapas de avaliação anteriores, mantendo-se a coerência entre os diferentes produtos. O trabalho é bem diagramado, apresenta uma acurada representação gráfica e a discente esteve atenta às considerações feitas em bancas anteriores. A banca ressalta a potencialidade do trabalho, especialmente em relação ao Caminho do Córrego da Prata. Comenta-se, a respeito da prancha-síntese, a necessidade de melhor dispor as imagens e de agregar uma melhor contextualização para orientar àqueles que estão conhecendo a cidade. O texto da prancha-síntese, é bem construído e foge do convencional. A estudante incorpora outras mídias e texturas como o áudio, que poderiam ser mais explorados, no entanto não comprometem o trabalho, porque apontam para um horizonte de continuidade.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

-  Documento assinado eletronicamente por **Carina Folena Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 07/06/2021, às 16:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).
-  Documento assinado eletronicamente por **Arthur Simões Caetano Cabral, Professor do Magistério Superior**, em 08/06/2021, às 08:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).
-  Documento assinado eletronicamente por **Roberto Rusche, Usuário Externo**, em 17/06/2021, às 20:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).
-  Documento assinado eletronicamente por **Gabriel Teixeira Ramos, Professor do Magistério Superior**, em 21/06/2021, às 12:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2111765** e o código CRC **3730B17F**.

ÀS MARGENS

(in)visibilidade do
Córrego da Prata
(Goiás-GO)

RESUMO

A negligência no tratamento dos cursos hídricos em meio urbano é um importante tema para a reflexão das cidades atuais e projeção de cidades futuras. Esta não é uma questão que concerne somente aos grandes centros, como é o caso do objeto de estudo e proposição deste trabalho final de graduação “Às margens: (in)visibilidade do Córrego da Prata”. Situado na cidade de Goiás, esse afluente do Rio Vermelho encontra-se em um profundo processo de degradação e invisibilidade, transformado em um curso hídrico poluído e esquecido, a não ser pelos inconvenientes que sua atual condição legam ao ambiente. Sob o enfoque da (in)visibilidade, buscaremos compreender como esses conceitos atingem o objeto de estudo, num percurso que vai ao passado para compreender, através de documentos cartográficos, como se deu o desenvolvimento urbano em relação ao córrego e o que levou a atual situação de degradação. Para entender o momento presente, foram realizadas conversas com a população numa apreensão das diferentes percepções e reflexões sobre o córrego, além de observação do território, aliadas aos aspectos morfológicos e culturais. A análise poética das imagens substanciais das águas do córrego da Prata, - apoiadas pela literatura de Bachelard - nos ajudam a compreender o território de maneira sensível, suscitando novas imagens para imaginar cenários mais agradáveis e possíveis para este corpo hídrico. O projeto vem para visibilizar a paisagem, revelando e ampliando os cenários do córrego, num ato de sensibilização.

Palavras-Chave: (in)visibilidade, água, natureza, poética, paisagem

ABSTRACT

The negligence in the treatment of water courses in urban areas is an important theme for the reflection of current cities and the projection of future cities. This is not a question that concerns only large centers, as is the case of the object of study and proposition of this final graduation work “On the margins: (in)visibility of the Córrego da Prata”. Located in the city of Goiás, this affluent of the Rio Vermelho is in a deep process of degradation and invisibility, transformed into a polluted and forgotten water course, except for the inconveniences that its current condition bequeaths to the environment. Under the focus of (in)visibility, we will seek to understand how these concepts reach the object of study, in a journey that goes to the past to understand, through cartographic documents, how urban development took place in relation to the stream and what led to the current situation of degradation. To understand the present moment, conversations were held with the population in an apprehension of the different perceptions and reflections about the stream, in addition to observation of the territory, between morphological and cultural aspects. The poetic analysis of substantial images of the waters of the Prata stream, - supported by Bachelard's literature - helps us to understand the territory in a sensitive way, raising new images to imagine more pleasant and possible scenarios for this water body. The project comes to make the landscape visible, revealing and expanding the stream's scenarios, in an act of awareness.

Palavras-Chave: (in)visibility, water, nature, poetics, landscape

SUMÁRIO

1	AFLORAMENTOS.....	9
2	(IN)VISIBILIDADES AO LONGO DO CURSO.....	18
3	OLHO D'ÁGUA: NASCIMENTO CONTÍNUO.....	34
4	PARA ALÉM DAS MARGENS: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
	REFERÊNCIAS.....	76



"O que é inventado já está, ao mesmo tempo, presente no território, mas como não visto e não sabido até então, a invenção revela o que já estava ali, ela libera e desvela, assim, um novo plano de realidade." (BESSE, 2017, p.46)

1. AFLORAMENTOS

Caminhar é um modo de estar e perceber o mundo. A inquietação deste trabalho emerge através da experiência paisagística de caminhar pela cidade de Goiás, e desse acontecimento que é a própria paisagem, que é o se deixar afetar pelo mundo ao redor. (BESSE, 2014) Entre as casas coloniais tombadas, construções mais recentes e os morros que emolduram o conjunto urbano de Goiás, o meu olhar, impelido pela vontade de descobrimento, esbarrou em dois locais - distantes um do outro na malha urbana - com cenários parecidos, duas áreas residuais com a presença de um pequeno fio d'água ignorado e degradado. Só mais tarde, pude entender que eram dois trechos por onde um mesmo curso d'água passava, o Córrego da Prata.

De natureza capilar, o córrego da Prata é pouco apreensível na paisagem urbana, seja por passar por propriedades privadas e quintais, correr sob vias e edificações, entre vielas ou encoberto pelos resíduos e mau odor, o córrego é permeado pela invisibilidade. Sua situação contemporânea estimula a reflexão sobre outros arranjos possíveis para o córrego na cidade, suscitando indagações sobre como se compõe suas (in)visibilidades. Entre as definições de visível e o invisível¹ manifestadas na própria organização espacial urbana, em memórias preservadas e histórias não contadas, espaços planejados e negligenciados na cidade, há a subjetividade do olhar do observador.

O que é a paisagem, senão a alternância entre o visível e o invisível no exercício da percepção? Constituídas experiências sensíveis e assimilações subjetivas, interpretativas e imaginativas, mas moldada por códigos culturais que formam o inconsciente coletivo, a paisagem é um "ponto de vista, de pensar e perceber". (BESSE, 2014, p.12) Na perspectiva de Besse, as paisagens são constituídas pelo ser.

A paisagem fala-nos dos homens, dos seus olhares e dos seus valores, e não propriamente do mundo exterior. Na realidade, só haveria paisagens interiores, mesmo se essa interioridade se traduz e se inscreve "no exterior", no mundo (BESSE, 2014, p.13)

¹ Invisível latim invisibilis, in-, negativo, em conjunção com visibilis que significa "conhecer ou perceber (percipere) pela visão, olhar (videre) para contemplar." (CUNHA, 2007)

Numa perspectiva poética, Bachelard (1998), explora as paisagens interiores do inconsciente coletivo, se debruçando sobre os quatro elementos fundamentais da matéria - fogo, ar, terra e a água - para compreender como a imaginação material destes elementos se desenham simbolicamente no inconsciente humano. Ao ir à raiz da força imaginante e desvelar os signos ligados aos elementos, expõe o caráter inventivo da imaginação, de descobrimento de visões:

A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. (...) A imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão. Verá se tiver “visões”. Terá visões se se educar com devaneios antes de educar-se com experiências, se as experiências vieram depois como provas de seus devaneios. Como diz D’Annunzio: Os acontecimentos mais ricos ocorrem em nós muito antes que a alma se aperceba deles. E, quando começamos a abrir os olhos para o visível, há muito que já estávamos aderentes ao invisível. (BACHELARD, 1998, p.18)

Ao elucidar as reações suscitadas pelo elemento água no imaginário social, os devaneios hídricos de Bachelard (1998) nomeiam temperamentos: as águas correntes, as águas dormentes, águas compostas, maternais e águas violentas. Abraçaremos essa perspectiva da imaginação material para compreender o imaginário referente às diversas fisionomias assumidas, ao longo do córrego da Prata, pela água. As imagens substanciais formadas por este elemento se relacionam com adjetivos que percorrem a fluidez, frescor, feminilidade, pureza, nutrição, transformação e transitoriedade, sendo lembrado constantemente por seu caráter primordial à vida.

Uma gota de água poderosa basta para criar um mundo e para dissolver a noite. Para sonhar o poder, necessita-se apenas de uma gota imaginada em profundidade. A água assim dinamizada é um embrião; dá à vida um impulso inesgotável. (BACHELARD, 1998, p.10)

Em meio aos espaços constituídos da cidade, os espaços residuais que permeiam os córregos e rios urbanos são lugares de germinação onde se faz possível “Sonhar o poder de uma gota imaginada em profundidade”, compostos do elemento água, símbolo da vida, são aberturas e embriões à criação de novos espaços num reencontro com o urbano e o meio ambiente. Trata-se de territórios de diversidade, tomados pelo natural, entre terrenos baldios privados e áreas verdes públicas, em que a natureza se desabrocha em espontaneidade, classificados como “Terceira Paisagem” por Clement (2004), paisagista que conceitua, reflete e projeta com a terceira paisagem. Destituídos de usos ou intencionalidades, os baldios residuais constantemente se relacionam com os cursos hídricos urbanos, que passam a se manifestar apenas nos espaços que sobram nas cidades, uma das consequências da desconexão entre o urbano e a natureza no processo de desenvolvimento das cidades, que viraram as costas para seus rios e córregos.

Se se deixa de olhar a paisagem como objeto de uma atividade humana, subitamente se descobre uma quantidade de espaços indecisos, desprovidos de função aos quais é difícil atribuir um nome. Esse conjunto não pertence nem ao território da sombra nem ao da luz. Situa-se nas margens, onde os bosques se esgarçam, ao longo das estradas e rios; nas reentrâncias esquecidas pela cultura; onde os carros não circulam.” (CLÉMENT, 2005, p. 10)

Os espaços que “sobram” têm a sua importância questionada, o que corrobora para que os corpos d’água em locais de terceira paisagem sejam também invisibilizados e negligenciados, como acontece com o córrego da Prata; por outro lado, dotados de uma variedade biológica, e grande potencial paisagístico, são oportunidades para a criação de “pontes” entre a natureza e o urbano.

Estendendo-se para o projeto paisagístico que guia os reencontros entre o espaço natural e a cidade, parte-se da perspectiva de Corajoud (1937) em diálogo com Clément (2005), ao colocar a compreensão das particularidades dos espaços, observação da realidade do terreno, sua vegetação e tempo como ponto inicial para pensar o projeto da paisagem. “A paisagem é inesgotável no sentido em que oferece uma multidão de indícios que nos indicam o que ela é, o que ela era e o que pode ela se tornar” (CORAJOUD, 1937, p.). Nesta perspectiva, o projeto da paisagem é o ato criativo de perceber o lugar, tornando-se um veículo visibilizador de paisagens, ao passo que “projetar é imaginar o real” (BESSE, 2018)

As concepções de paisagens expressadas pelos autores que compõem esse referencial teórico, constituem uma historiografia de mudança do entendimento da paisagem e do projeto de paisagem - para além do jardim formal - pensando-o de maneira mais ampla, num sentido sistêmico, ligado-a-a natureza e ao modo de ser e perceber o mundo.

Quanto ao nosso modo de estar no mundo, Pierron (2012) evidencia esse arranjo é o ponto central da crise ambiental atual, argumentando que a falta de enraizamento do ser humano com o natural, e a percepção de si a partir da natureza, é a base da crise ecológica. Para ir à raiz deste problema, mais do que abordagens objetivistas, propõe, numa linha bachelardiana, a imaginação ambiental poética como um caminho capaz de abrir reflexões sobre as relações tecidas com o meio ambiente natural. A experiência poética abre espaço para pontos de vistas de diferentes atores do espaço, expressando e trazendo novas formas de estar no mundo, que vão ao encontro de nossas percepções e posições em relação ao meio ambiente. “A imaginação poética permite que percepções e sentimentos relativos às experiências do ambiente (do rio) sejam expressos e que uma compreensão adequada surja.” (PIERRON, 2012, l.36, tradução nossa) Neste sentido, Pierron sugere que a imaginação poética da água se ligue à renovação dos métodos de intervenção aos corpos hídricos, valorizando a abordagem sensível, em oposição a uma visão utilitária dos “recursos hídricos”, para o reconhecimento de corpos hídricos. A imaginação coloca-se como experimentações de novas

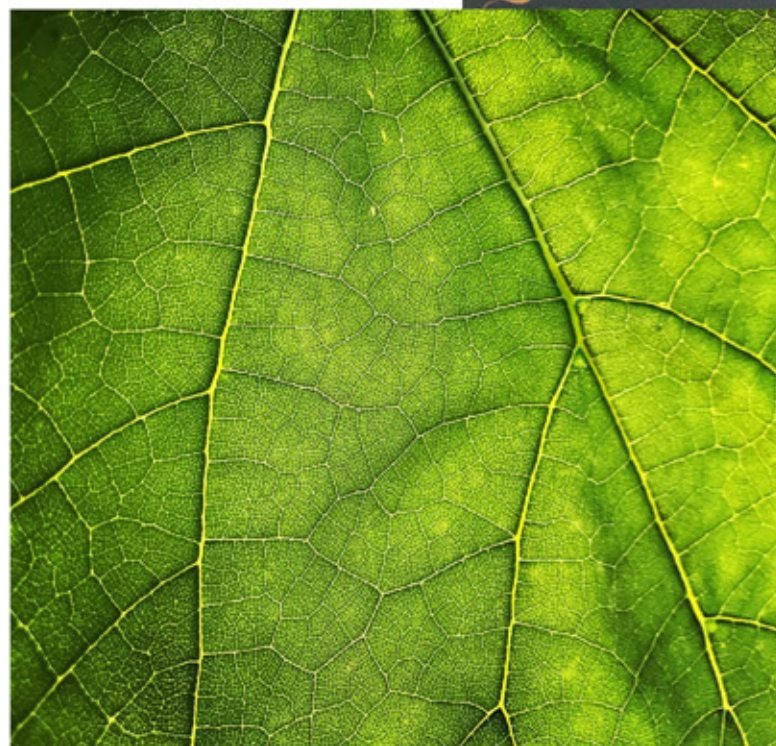
possibilidades e meio de re-sensibilização da relação que temos com a natureza.

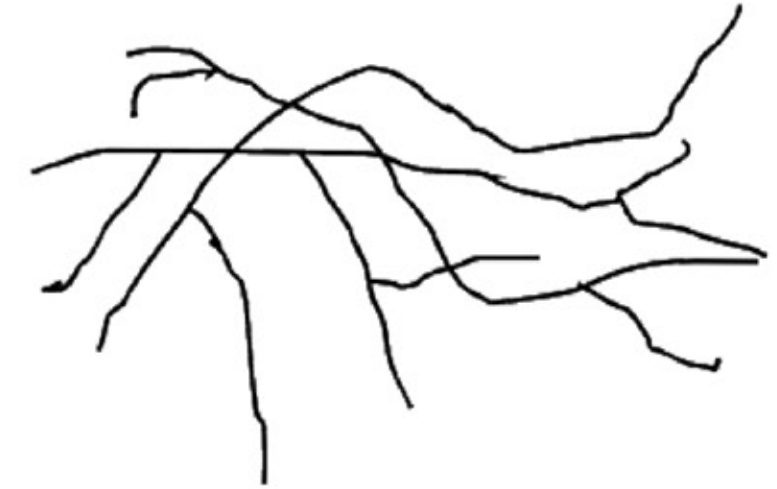
Das diferentes formas de estar no mundo, os povos originários do Brasil e as comunidades tradicionais de matriz africana, trazem na raiz de suas cosmovisões, o entendimento de que o mundo é um lugar de habitação de vários seres: o sol, a terra, as árvores, o vento, nuvens, raios, rios, animais, o homem, tudo é repleto de vida e esses seres integram a vida como um todo, num campo que conecta a todos e geram de forma contínua a existência um do outro. Nessa perspectiva animista, onde tudo é vivo, (Ingold, 2013) tudo está em constante nascimento e a vida assume o caráter de geradora do ser, e onde, o visível e o invisível se encontram na dimensão sagrada da natureza.

Base dessa teia, o elemento água também adquire essa percepção animista, na cultura brasileira, liga-se fortemente a figura da Mãe da água, que adquire múltiplas representações abrangendo desde as mulheres d'água, espíritos se apresentam dançando e embalando as crianças, e banhando-as, habitam os rios e com seus feitiços de amor fazem homens do povo Yanonamis tornar-se xamãs (KOPENAWA, 2015). A Cobra Grande, existente no imaginário ameríndio amazônico é ser-mãe presente em cada lago ou rio (MARTINI, 2017); na cosmologia iorubá, a água, fonte da vida, com qualidades nutritoras e purificadora, associa-se às divindades femininas: a mãe d'água, Iemanjá - em iorubá, mãe cujos filhos são peixes - é a personificação das águas e domina todas as águas do mundo, é a que pariu todos os Orixás, curando as feridas dos filhos com as águas. Oxum é senhora das águas doces, força nutritora, ligada aos rios e cachoeiras, à fecundidade, abundância e à maternidade, cuidando da gestação desde a fecundação até a saída útero da mãe. Esses arquétipos simbolizam as forças divinas das águas no imaginário desses povos, são figuras que denotam maneiras de olhar para a água para além do visível. Esses imaginários, ao produzir novos mundos, suscitam reflexões sobre nossos modos de ver, re-sensibilizam e trazer questionamentos das concepções colonialistas de poder que regem as relações com a natureza, nos auxiliando a repensar o presente e futuros para além de uma visão utilitarista da natureza, mas com um olhar de respeito, viés que são caminhos para descolonizar olhares, ao descentralizar o homem e reunir todos os seres.

Ancorados na potência que estas imagens têm para instigar novas visões, ações e reposicionamentos, faremos o exercício de olhar para o córrego em poeticidade. Pensando em despertar, através da poética, o olhar para o córrego tornando visíveis seus aspectos históricos, ambientais, sociais e paisagísticos. Com a intenção de alterar a visão das pessoas para este corpo hídrico, entende-se o projeto paisagístico como um visibilizador da paisagem que possibilita que a cidade e seus habitantes direcionem a percepção para este curso hídrico invisibilizado: “O projeto de paisagem seria então isto: algo que já estava ali. (...) Com efeito, trata-se de fabricar, de elaborar o que já está presente e que não se vê.” (BESSE, 2018.)

“Nós achamos que somos o gerente do mundo. Estamos desprezando as vidas nos outros corpos (como florestas, rios e montanhas) e elegendo nossos corpos como lugar privilegiado da vida” (AILTON KRENAK, 2019)





2. (IN)VISIBILIDADES AO LONGO DO CURSO

A discretude própria do córrego da Prata está presente em suas aparições na paisagem, de natureza capilar e escala reduzida, o córrego constantemente se esconde, passando facilmente despercebido por um olhar desatento. Afluente do Rio Vermelho, o córrego da Prata corre por uma extensão de aproximadamente 1,5 km, acomodando por seu curso variedades de paisagens, entre cenários que se aproximam ao espaço natural preservado e locais onde está invisibilizado pela malha urbana.

Em sua condição contemporânea, o Córrego da Prata nasce no Centro Histórico, numa chácara privada, - possivelmente um dos remanescentes do modos de produção rural da cidade colonial - e segue o seu curso por propriedades, passa por debaixo de ruas que o tapanam, escondendo-se entre becos e bueiros, sempre acompanhado por vegetação, canos das casas adjacentes e resíduos; compondo uma diversidade de paisagens ao longo de seu curso até desaguar no Rio Vermelho, em Bairro de mesmo nome, numa área verde de preservação.

Entre os diferentes contextos que permeiam o córrego, é possível identificar momentos de linearidades e fragmentações durante o seu curso. Na primeira ocasião, o corpo hídrico está descoberto, ao ar livre, passando por chácaras ou pelos quintais de casas, e às vezes, com aparições às vistas da rua, como em sua foz e nos quintais. Há ainda, os momentos de fragmentação, que se caracterizam por serem os intercursos entre as chácaras, onde o córrego está canalizado, sobreposto por vias ou edificações.

A percepção do curso do córrego no espaço urbano se dá através de um olhar atento às manifestações sutis deste corpo hídrico na paisagem urbana. Mesmo nos pontos em que a sua reduzida lâmina corre a céu aberto, é mais facilmente percebido pela delicadeza dos seus vestígios - a intensa vegetação que brota até mesmo nas caçadas, o som de água correndo e umidade repentina no espaço - do que pela visão de sua lâmina d'água que se esconde entre as vegetações e descidas íngremes de suas vertentes em relação a altura das ruas. Mesmo assim, nos locais onde com algum esforço é possível ver a sua lâmina d'água, conformam-se cenários com poten-

cial paisagístico e poético que se mostram como um “respiro” em contraposição a malha urbana.

Reconhecemos quatro situações que manifestam a (in)visibilidade do córrego da Prata na malha urbana. A primeira se refere a intersecção e cruzamento do córrego por pontes, a segunda é a posição restrita do córrego no fundo dos quintais das casas, a terceira situação, onde o curso d'água passa em áreas verdes privadas remanescentes em meio ao tecido urbano, e por último, há os momentos em que o córrego é totalmente sobreposto por edificações e vias.

O traçado urbano que inicialmente se adaptou aos rios e córrego, se sobrepõe aos corpos hídricos, provavelmente pela falta de instrumentos reguladores e a necessidade de morar da população mais pobre que passa a ocupar as margens como única opção de moradia. A falta de planejamento urbano aliada à pressão urbana sob as áreas naturais se reverbera na invisibilidade urbana do córrego da Prata em diversos pontos de seu curso, e em problemas urbanos que afetam diretamente este curso hídrico: construções em suas margens que ocasionam erosões, agravadas pela inserção de gabiões e estruturas que linearizam o curso, poluição difusa advinda da drenagem inadequada, além do descarte inadequado do esgotamento sanitário.

As (in)visibilidades urbanas do córrego da Prata nos dizem respeito a como a história urbana se desenvolveu e o que se valorizou como constituição da imagem de um lugar. Os limites da malha urbana encontram as margens do córrego da Prata, por ser através de uma ponte que cruzava este curso hídrico, o caminho que ligava a Cidade de Goiás a Cuiabá. Assim, a partir do século XIX, este vetor estrutura novas centralidades na cidade, à periferia da malha urbana. A falta de documentos, publicações, cartografias e registros históricos sobre o desenvolvimentos dessas áreas, é um produto do apagamento histórico - fruto de um olhar voltado ao centro histórico conjunto histórico ter sido reconhecido como Patrimônio Cultural Mundial - em 2001 pela UNESCO - o que também se reflete na perda do patrimônio edificado nesta região do Córrego da Prata, e possivelmente, na invisibilidade do mesmo, na perda de seu simbolismo na história e imaginário urbano. É evidente que processo de invisibilidade do Córrego da Prata e sua atual condição de degradação está aliada a um processo mais amplo de invisibilidade das periferias urbanas na cidade de Goiás: de sua história e da desconsideração dos atores sociais que participaram e participam de sua constituição; o que reverbera na própria ausência de Estado em medidas de planejamento: falta de amortecimento dos impactos do crescimento urbano sobre os espaços naturais, falta de qualificação dos espaços livres públicos, falta de preservação ambiental das áreas de preservação permanente entre outros problemas urbanos que podem ser observados ao longo do córrego. O Córrego da Prata se coloca no limite entre a cidade-patrimônio e a cidade não reconhecida como tal, das ocupações mais recentes, a partir do século XX, sendo cartograficamente, um agente limítrofe divisor destas temporalidades. O que evidencia o tratamento com o córrego desde os primórdios da cidade e a falta de planejamento e parcelamento adequado para proteger esse corpo hídrico e integrá-lo na paisagem urbana.

A forma como o curso está na paisagem da cidade potencializa a formação de imagens mentais que através das repetições são incorporadas ao imaginário coletivo: da vista da rua, estão sempre presentes lixos e entulhos em suas margens, desta forma, quase que incorporam-se estes elementos como sendo do próprio córrego. Suas margens e o seu leito passam a ser, por naturalização, locais de descarte de resíduos, tanto entulhos quanto esgotamento doméstico

Mesmo que os rios e córregos da Cidade de Goiás sofram com problemas de planejamento, pre-



RIO VERMELHO

CÔR. BACALHAU

RIO VERMELHO

CÔR. MANOEL B.

CÔRREGO DA PRATA

RIO BAGAGEM

RIO BACALHAU

RIO BAGAGEM

LEGENDA



ÁREA TOMBADA



ENTORNO DO TOMBAMENTO



LEGENDA

- CURSO D'ÁGUA TAMPONADO
- CURSO D'ÁGUA A CÉU ABERTO
- PONTES
- VISÍVEL NA RUA

100m 200m

servação, fiscalização, e gestão, as relações das pessoas com os corpos hídricos em contextos de cidade pequena existem de maneira mais memorável, abarcando relações de dependência e uso. A aproximação física existe entre as pessoas e os rios e córregos, como no caso de Goiás, contribui para as afetividades. Os habitantes de Goiás costumam ter conhecimento sobre os locais em que estão situados os corpos d’água e têm uma familiaridade natural com os córregos e rios que são pontos de encontro e lazer da população, banhando-se nas águas que refrescam o calor da cidade. As memórias afetivas dos rios e córregos da Goiás são potencializadas pela maior proximidade que acontece o Rio Vermelho, através do curso d’água que marcou o histórico de ocupação da cidade e que ainda se mostra apreensível na paisagem, que está em maior “presença” na paisagem urbana, em sua história, imaginário e cotidiano da população.

O Rio Vermelho corta o centro histórico e adquire uma emolduração urbana, aliada a um trabalho paisagístico, conforma o Parque da Carioca importante área verde, lugar de encontro e de lazer da população vilaboense, além de constituir também a Praça de Eventos. O Rio Bacalhau é outro exemplar de relevância abrigando diversos balneários naturais como o Poço da Sota, Pilãozinho e Poço da espuma, que são verdadeiros refúgios da natureza inseridos na malha urbana. Esses dois exemplos nos auxiliam a compreender o porquê dos rios terem uma maior expressividade no imaginário urbano, o que se deve muito ao fato de ofertarem mais oportunidades de apropriação por parte da população, situação que se difere em muito da realidade de uso dos córregos da cidade: o córrego Bacalhauzinho, Manoel Gomes e Córrego da Prata encontram-se poluídos e pouco apreensíveis na paisagem.

Os córregos da cidade de Goiás não são lembrados como seus rios. Há visivelmente, uma hierarquia de importância e identidade que transita com a própria escala dos corpos hídricos, tanto na paisagem, quanto na apropriação e imaginário da população. A lâmina d’água dos rios é mais presente na paisagem e implica em espaços de amplitude visual, o que agrada mais visualmente e faz com que sejam considerados corpos d’água de maior potencialidade. Além da falta de amplitude visual, a menor vazão e largura reduzida dos córregos, contribuem para uma maior situação de vulnerabilidade na cidade, sendo mais facilmente suplantados pelo tecido urbano, situação que aumenta para os córregos denominados capilares, como no caso do córrego da Prata.

A nascente do córrego da Prata, área de intervenção deste projeto, é um dos poucos trechos do córrego da Prata onde não houve a suplantação pelo tecido urbano. Ao caminhar pela área é necessário explorar para descobrir a nascente que se esconde, de maneira misteriosa, sendo possível intuí-la através da vegetação abundante e dos pequenos filetes d’água acompanhados pelo frescor da umidade. Díficeis de serem vistas, em um “nascimento contínuo”, as águas da nascente se protegem e se escondem entre macegas, como uma mãe protege um filho que acabou de nascer, o que evoca a maternidade dessas águas. A alguns metros da nascente, no fluxo de quem acabou de nascer, as águas do córrego desaguam na propriedade abaixo, com o temperamento de águas reflexivas e correntes.



ÁGUAS DA NASCENTE

Acompanhadas pelo verde, fluem livremente pelo solo do terreno, formando vários pequenos veios espalhados, embaladas pela íngreme topografia e o devir de transformação próprio de movimentos inquietos. Na rua Damiana da Cunha as águas abrem-se para um sono profundo, de águas paradas, que se movem lentamente, no ritmo que acompanha o seu reduzido espelho d’água. A água que dorme, em repouso, forma um espelho, um olho, que recebe e reflete luz, “o olho quer ver”, Bachelard (1998) faz uma alusão desse temperamento reflexivo da água que reflete o universo, com o mito de Narciso, formando aí um narcisismo cósmico. De forma sublime, a beleza do reflexo d’água chama a atenção mesmo nos trechos do córrego onde há a consciência da impureza da água, atraindo olhares de contemplação mesmo nas paisagens mais degradadas, como se a natureza quisesse para além de ver, ser vista.



AS ÁGUAS REFLEXIVAS



vista da rua Felipe Leddet
passa sob a via, sendo visível tanto pela montante quanto na sua foz, no encontro com o Rio Vermelho; está acompanhado neste período por abundante mata de galeria e resíduos.



vista da rua São Jorge
atravessado por uma ponte de madeira, suas duas margens possuem a presença de casas e de vegetação abundante



vista da rua São João
transpassado por uma ponte de madeira, apenas a sua margem a jusante está visível na rua, acompanhada pela vegetação.



vista da rua Santos Dummont
passa sob a via, até chegar nesse beco, acompanhado de um bueiro que o transforma em local de escoamento de resíduos.



vista da rua Braz Abrantes
é totalmente suplantado pelo tecido urbano neste trecho, seus vestígios são apenas os bueiros nas calças.



vista da rua Beco Vermelho
canalizado pela rua, passa pelo bueiro e abaixo da edificação.



vista da rua Damiana da Cunha
é canalizado pela rua, ainda assim, é possível ver o córrego tanto a jusante quanto a montante, acompanhado por vegetação pontual e presença de muitos entulhos.



vista da Casa Verde
chega a chácara com suas margens constrictas, pela propriedade há várias insurgências do córrego.



vista da chácara Caiado Ramos
há a presença abundante de vegetação e vários veios d'água pela propriedade



LEGENDA

-  CURSO D'ÁGUA CANALIZADO
-  CURSO D'ÁGUA
-  PONTES
-  MARGENS CAMINHÁVEIS
-  TRANSPOSIÇÕES POSTERIORES AO SÉC. XX
-  TRANSPOSIÇÕES ANTERIORES AO SÉC. XX

100m

200m

O primeiro ponto de transposição do Córrego da Prata ocorreu na Rua Santos Dummont - estendendo-se também às ruas Braz Abrantes e Beco Vermelho - percurso que ligava a capitania de Goiás à Capitania de Cuiabá, e atualmente, rua que leva ao centro comercial da cidade. Este é o trecho do córrego onde o seu curso sofre mais agressões, com a sua canalização e ocultamento na paisagem, aparecendo apenas pelos bueiros que o canalizam até um beco por onde ele corre juntamente com os resíduos escoados da rua. Neste trecho, o córrego oculta-se na paisagem. Submerso ao urbano, mostra-se apenas nas entrelinhas: sons de águas correndo e dos bueiros que a levam até o beco entre edificações onde pode enfim respirar destamponado, a céu aberto. Aí respira o com dificuldades, comprimido pelo espaço que sobrou e acossado pelos resíduos lançados em seu corpo, é tratado como esgoto.

Essa água impura que permeia entre bueiros acompanhada pelos resíduos causa revolta, despertando uma repugnância moral, ao ver este elemento tão primordial à existência repleto de impurezas: cenário obscuro. “A água impura, para o inconsciente, é um receptáculo do mal, um receptáculo aberto a todos os males; é uma substância do mal.” (BACHELARD, 1998. p. 145)

Nos locais ocupados mais recentemente a partir do século XX, por uma menor pressão do meio urbano, o córrego se mostra mais visível na paisagem, acompanhado da vegetação de matas de galeria e de transposições mais humanizadas, nas ruas: Ruas Felipe Leddit, Rua São Jorge e Rua São João, sendo cruzado por pontes de madeira nas duas últimas ruas. Isso nos leva a refletir sobre como as concessões urbanas em relação ao meio ambiente vão com o passar dos anos aumentando e se tornando mais agressivas na paisagem: da funcionalidade das pontes de madeira que conectam duas margens, chega-se a canalização completa de um curso hídrico, também por pretensões funcionais. Corre em liberdade até chegar a Rua São João, onde o fio d’água talha o solo, se mistura à vegetação, e torna-se uma “água composta” na penetração com a matéria da terra, amolecendo-a e desenhando sob a deformação causada, realizando aí as ligações com a massa da terra, numa ação modeladora, nesse “sempre sucesso sobre a matéria compacta” para se acomodar confortavelmente no solo, num sonho contínuo.

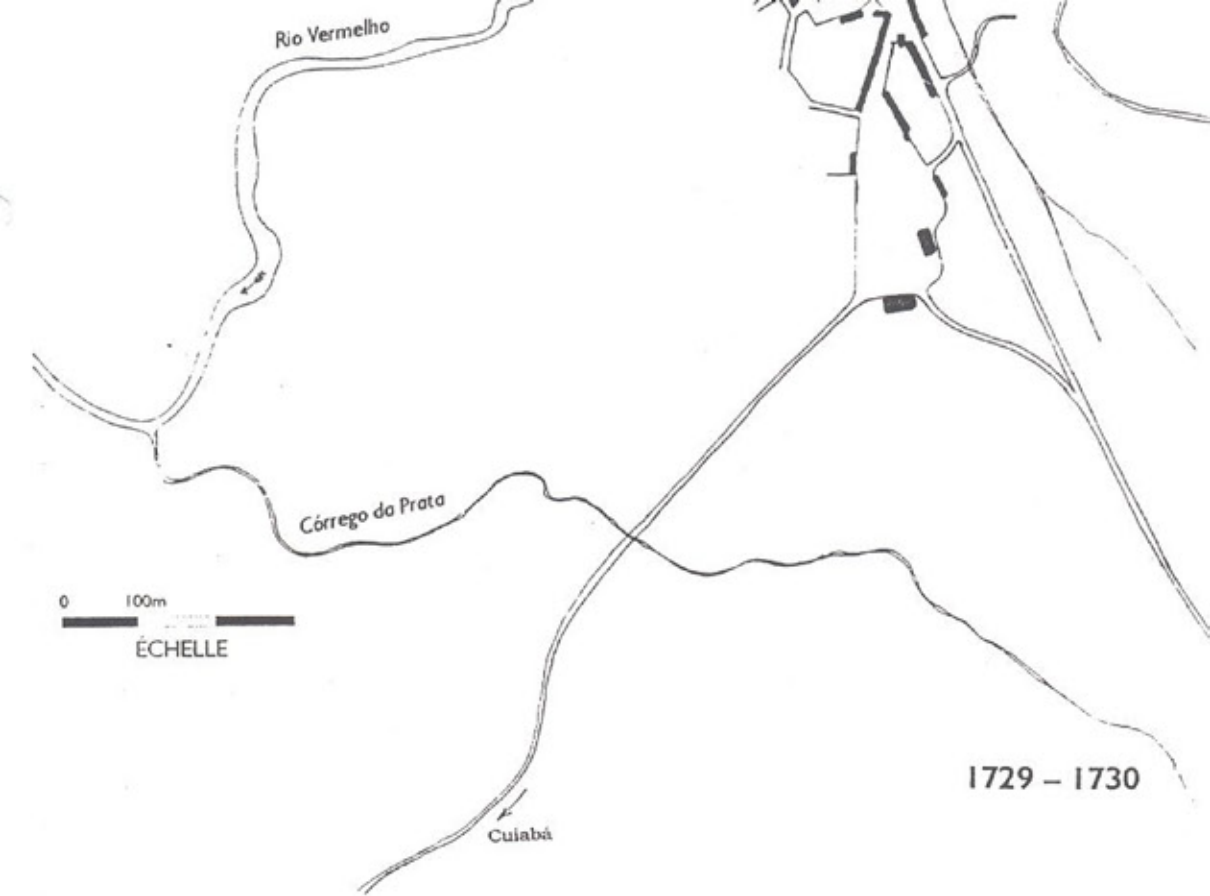
Neste sonho contínuo, no desacelerar da plana topografia, as águas de sua foz dormem em um silêncio que as atravessam, preservando o fluxo do adormecimento:

Água silenciosa, água sombria, água dormente, água insondável, quantas lições materiais para uma meditação da morte. Mas não é a lição de uma morte heraclitiana, de uma morte que nos leva para longe com a corrente, como uma corrente. É a lição de uma morte imóvel, de uma morte em profundidade, de uma morte que permanece conosco, perto de nós, em nós. (BACHELARD, 1998, p.112)

As águas sonolentas são acompanhadas por uma vegetação densa e brejosa, que evoca qualidades soturnas. Num tom melancólico, criam ao mesmo tempo um sentimento de intimidade e calma ao observador, própria das águas que não precisam correr e podem serenar nas paisagens, rendendo-se a absorção do Rio Vermelho.

O devaneio diante das águas dormentes dá-nos essa experiência de uma consistência psíquica permanente que é o bem da alma. Recebemos aqui o ensinamento de uma calma natural e uma solicitação para tomar consciência da calma de nossa própria natureza, da calma substancial da nossa alma. A alma, princípio do nosso repouso, é a natureza em nós que basta a si mesma, é o feminino tranqüilo. A alma, princípio dos nossos devaneios profundos, é realmente, em nós, o ser da nossa água dormente. (BACHELARD, 1998, p.66)

As imagens substanciais das águas do córrego da Prata, reconhecidas pelo olhar atento às várias fisionomias paisagísticas que atuam sobre seu território, nos instigam a “tentar encontrar, atrás das imagens que se mostram, as imagens que se ocultam, ir à própria raiz da força imaginante” (BACHELARD, 1998,p.2) produzindo ao mesmo tempo, novas imagens que surgem.



3. OLHO D'ÁGUA: NASCIMENTO CONTÍNUO

Subindo a penosa ladeira da Hermógenes Coelho, pela tarde, há um respiro no calor escaldante que se concentra no asfalto dessa árida rua. Sente-se na pele ao se aproximar: sombra e água fresca. Uma agradável mancha verde se delineia aos olhos e, pelos ouvidos, ouve-se o canto dos passarinhos que ali estão. A tranquilidade da natureza é notável, mesmo em meio ao urbano pacato de Goiás. Numa diluição entre o espaço urbano e o espaço natural, o lugar convida o passante para o descobrimento: o verde delineia caminhos cujo destino não se sabe ao certo sem atravessar a densa vegetação latifoliada, que acompanha uma diversidade de capins. O contemporâneo arranjo espacial, os mobiliários e a presença de árvores frutíferas margeando o parque convidam o passante a permanecer no local, nem que seja por um momento, para tomar sombra, descansar, contemplar a paisagem, degustar frutas, conversar, ou adentrar o maciço verde para experimentar o que mais o parque pode oferecer.

Se o caminhante segue o desejo de descoberta, ele atravessará corredores vegetativos que como uma espécie de membrana, envolvem a nascente: é a mãe natureza protegendo suas águas através da vegetação ciliar, guaimbés, taiobas, juncos, marantas e bananeiras se organizam ao redor das águas formando jardins úmidos.

Ao atravessar essa camada, os corredores se abrem e evidenciam uma área ampla e iluminada do parque, com uma variedade de espécies caducifólias, sendo possível reconhecer ipês, aroeiras, copaíbas, e jacarandás, num arranjo com capins e espécies herbáceas, entre cores e texturas que em justaposição trazem um jardim com ar primaveril. O parque é um quintal urbano: pessoas reúnem-se para conversar, praticar exercícios físicos, respirar ar puro ou apenas contemplar o lugar; o sentimento geral é de familiaridade e sentir-se em casa neste lugar. O ar é fresco e desanuviado, as crianças e os pássaros fazem uma sinfonia com as rãs ao entardecer. No meio do parque existem formações rochosas, que por sua exuberância, são uma atração por si só, além de serem um bom lugar para mirar o entardecer, de onde se pode ver o pôr do sol emoldurada pelos morros. Na parte mais alta do terreno, as pessoas aproveitam os grandes gramados e a vista quase inteiriça do parque, que parece ser um jardim infinito, margeado por grandes árvores que cultivam uma atmosfera própria da área, distinta do urbano.







A atmosfera que transporta o observador do urbano a um espaço onde a natureza está em potência, emerge através da ampliação das ambiências que compõem a área da nascente do córrego da Prata, um espaço de terceira paisagem, refúgio de espécies e misterioso. Guia-se pela natureza do espaço, sem a sobreposição de desenhos projetuais na paisagem, mas num diálogo entre o projetado e a natureza espontânea. Assim o projeto da paisagem no Córrego da Prata, emerge do lugar, guiando-se pela própria paisagem existente, comprometido tanto com aspectos morfológicos, históricos e culturais, quanto a essência do lugar, para que se delineie um projeto respeitoso à área. O projeto efetua-se neste ato inventivo de percepção do lugar e ampliação das ambiências próprias do espaço, a “invenção revela o que já está ali”. (BESSE, 2018).

Assim como a mãe natureza, a água é um elemento de caráter feminino, que assume aspectos maternos também através das suas propriedades nutritivas que recordam o leite materno, ao nutrir o ser, a terra e fazer crescer as plantas. Não surpreende que essa área, nutrida pela presença das águas seja de uma riqueza biológica, onde se vê uma diversidade de pássaros e insetos, acompanhados de uma diversidade vegetativa. Na imaginação material, “A água é uma matéria que vemos nascer e crescer em toda parte.” (BACHELARD, 1998) esta visão poética se efetiva formalmente no terreno, pela disposição dos vários filetes d’água da nascente espalhados na área. Esse constante afloramento e cautela natural das águas fazem com que este seja o único trecho do córrego onde a água está parcialmente limpa, em relativo equilíbrio ambiental. A área é caracterizada por ser um lote rural remanescente da malha urbana, que provavelmente teve a formação de sua estrutura fundiária ligada ao córrego. Sua potencialidade visibilizadora, acontece tanto por estar localizada na Av. Hermógenes Coelho - no limiar entre o centro histórico e os bairros mais recentes como João Francisco, Areião e Vila Romana - quanto por sua escala e importância hídrica de nascente, desempenhando um papel fundamental por todo o curso hídrico. Localiza-se dentro da área de tombamento, constituindo as bordas deste perímetro, numa interlocução entre a cidade tombada e a cidade atual. A vista que se tem da rua é de uma grande área verde, onde apenas as pessoas que têm conhecimentos prévios conseguem saber que a propriedade abriga a nascente do Córrego da Prata, já que não há uma indicação.

ESTADO DE GOIÁS



MUNICÍPIO DE GOIÁS



CIDADE DE GOIÁS





CENTRO

LESTE

JOÃO FRANCISCO

VILA ROMANA

48.691 m²

VILA UNIÃO

AREIÃO

JARDIM VILA BOA

A partir da observação da área o projeto vem como uma tecelagem entre os diversos elementos que compõem o território, num movimento de conexão das linhas invisíveis que surgem na observação do local: os meandros da nascente que afloram pelo terreno talhando o solo, as águas correntes que delinham o sentido da correnteza, o verde vivo mesmo em períodos de seca que traça o caminho do córrego, a disposição da vegetação entre clareiras e áreas sombreadas, e os afloramentos rochosos.



Como numa dança, essas sutilezas compõem a ambiência do local, formando a unidade paisagística da área. O projeto vem para ampliar essa onda, visibilizando os atos sublimes da natureza.

Um dos motivos essenciais daquilo a que se convencionou chamar de “projeto de paisagem” talvez esteja contido nesta noção de um “pensamento latente” que residiria atrás das formas visíveis, nesta espécie de onda que se desenvolve através de toda extensão e lhe confere, por assim dizer, um sentido. O projeto seria a cartografia desta onda invisível, deste “centro virtual” dos movimentos do espaço. É esta dança do espaço que se trata de captar, desenhando-a. (BESSE, 2017, p.47)

Captar as várias coreografias da área da nascente, nos leva a compreender as diferentes atmosferas que compõem o terreno, reconhecendo as particularidades de cada local para pensar em propostas alinhadas com o sítio. Sendo um espaço de terceira paisagem - onde as águas estão fora de vista, nutrindo espécie – propõe-se para resguardar a biodiversidade da área e a nascente, realizando alterações discretas na paisagem, que ampliem as atmosferas existentes, criando jardins numa celebração das plantas do cerrado, evidenciando o potencial estético deste bioma no espaço, de forma ecológica-educativa, enquanto torna a área acessível e atrativa para as pessoas.

Reconhece-se através da experiência de visita e observação na área, locais de clareira e densa arborização, que nos falam sobre a luz do terreno, onde predomina luz e sombra. Há ainda, pelo terreno, elementos que suscitam ambiências: em contato com a Rua Hermógenes Coelho, pela densa arborização, não se pode ver o córrego, o que cria um mistério natural da área. Nas margens do córrego, a vegetação se abre em alguns momentos mas volta a ser densa, até que, atravessando o corpo d’água, chega-se numa área de clareira onde pode se encontrar duas ambiências, um local de contemplação, na parte mais alta do terreno, que emerge dos afloramentos rochosos e abaixo, onde estão presentes árvores espaiadas e a presença de uma amplitude no olhar. Reconhecidas essas atmosferas na área, nomeia-se três ambiências para ampliação: a membrana, grande área de reflorestamento arbóreo que margeia o córrego e os limites do terreno, criando mistério para o passageiro que não adentrou ao parque, enquanto cria uma atmosfera intimista ao visitante que está dentro do parque. A área primaveril, onde a vista se abre e há o protagonismo dos jardins, entre diferentes espécies e texturas que assumem pontos focais. E na parte mais alta do terreno, com uma visão geral do parque, há a ambiência de contemplação, que inicia-se nas formações rochosas, alcançando os limites do terreno, à sul.

A PEDRA



CLAREIRAS



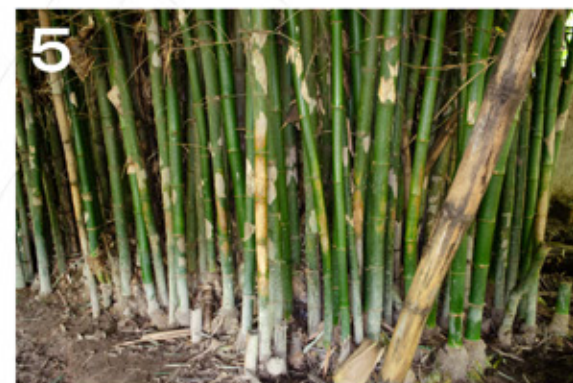
MEMBRANA



O MORRO







A área é caracterizada por apresentar formação vegetacional secundária, já que a vegetação originária de fitofisionomia de Cerrado *stricto sensu*, foi totalmente desmatada.

Os espaços à beira d'água são acompanhados de matas de galeria, onde a vegetação é mais densa, e mesmo num período de seca continuam verdejantes, sendo acompanhados por bastante sombra. Se distanciando do córrego, a vegetação se abre, com maior predominância de estratos vegetativos rasteiros, onde há árvores pontuais, e a luz domina. Além de densificar as espécies já existentes por toda a extensão do terreno, a escolha vegetativa é comprometida com espécies dotadas de potencial de restauração ecológica do cerrado *sensu stricto*, como o Mandiocão do cerrado (*Schefflera macrocarpa*), Araticum (*Annona crassiflora* Mart.) e Mangaba (*Hancornia speciosa*). A revegetação das espécies no terreno liga-se a intenção de entretenimento ecológico, a partir da criação de vários jardins com espécies do cerrado, com indicações de seus nomes, brincando com diferentes estratos vegetativos, escalas, cores e texturas, para trazer através dos jardins, ludicidade ao projeto.



Mangaba



Araticum



Mandiocão do cerrado







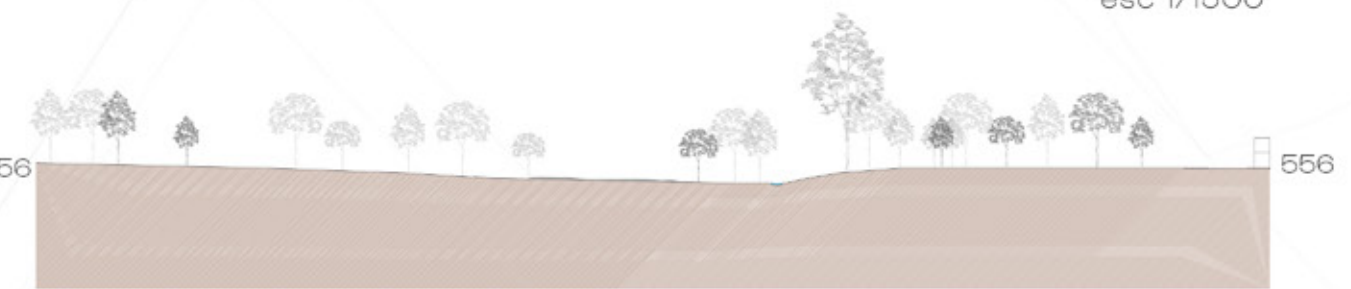
CORTE A-A
esc 1/1500



CORTE B-B
esc 1/1500



CORTE C-C
esc 1/1500



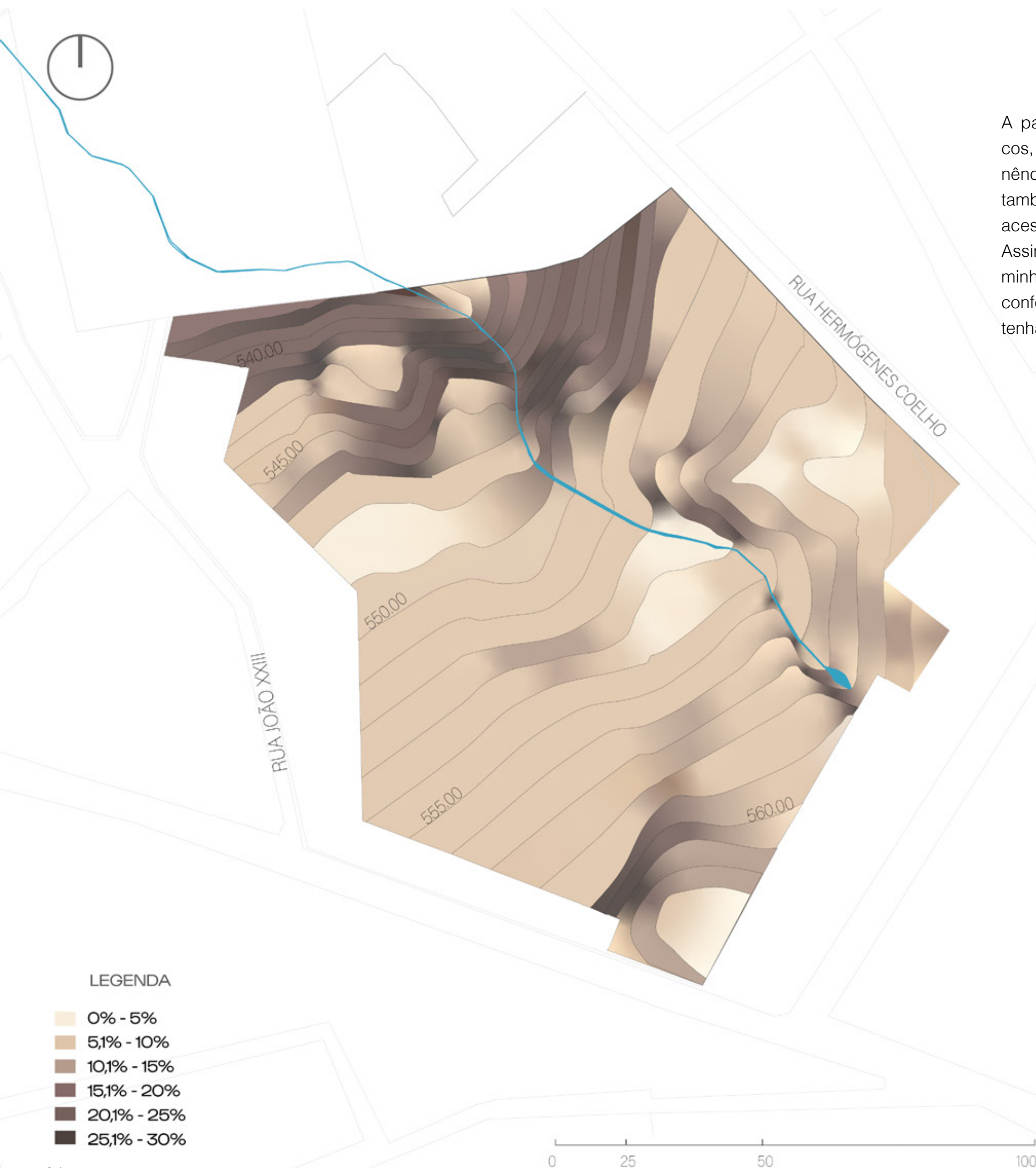
CORTE D-D
esc 1/1500



CORTE E-E
esc 1/1500

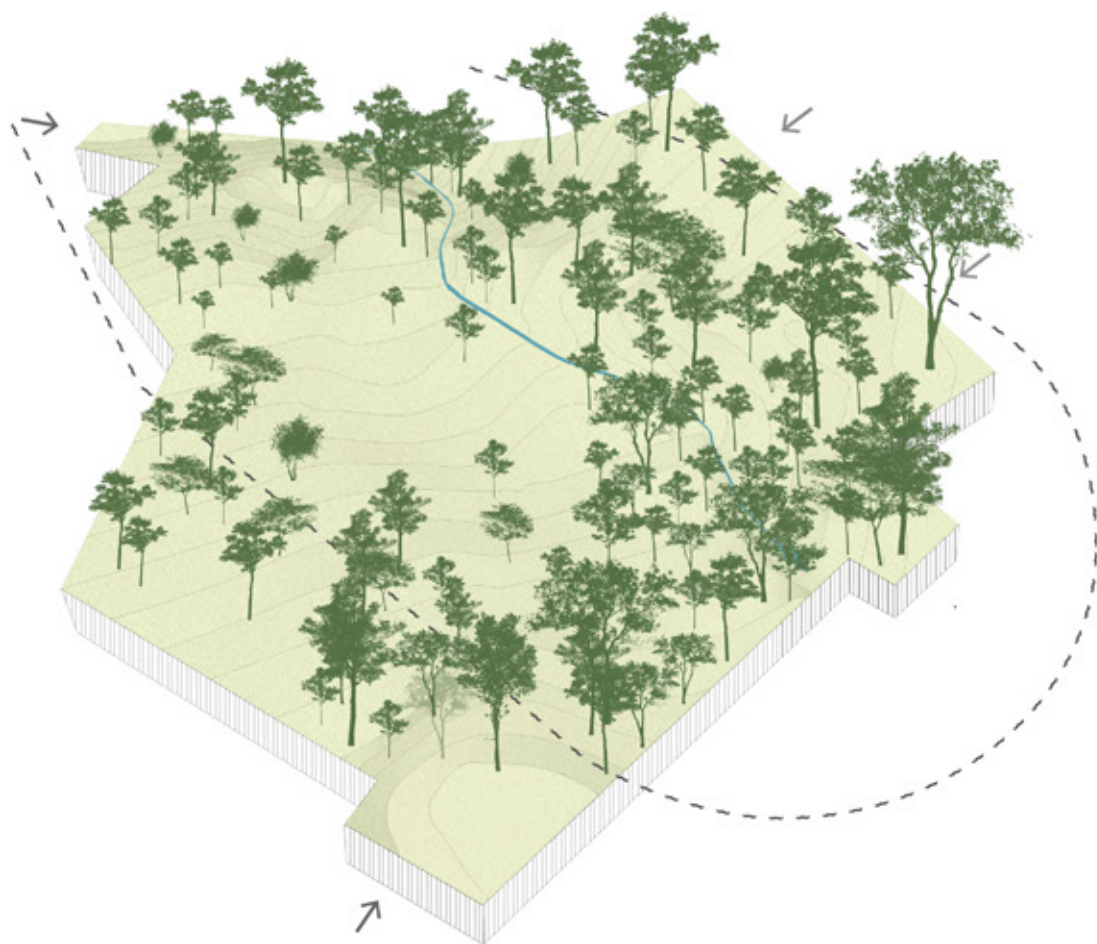


CORTE F-F
esc 1/1500



A partir do entendimento dessa camada, em conjunto com os cortes topográficos, compreendeu-se os locais onde seriam propícios local espaços de permanência e equipamentos no parque, nas áreas de baixa declividade; deste mapa também vem a posição dos caminhos, que serpenteiam de maneira a trazer a acessibilidade às pessoas e realizar o mínimo de alterações possíveis no terreno. Assim, pensados de maneira a garantir a acessibilidade de todas as pessoas nas caminhadas, adquirem a sinuosidade dos meandros de um rio, com larguras que variam, conforme o terreno se abre. O serpentear dos caminhos faz com que os caminhantes tenham que caminhar de forma devagar, tomando tempo para contemplar a paisagem.

CONDICIONANTES



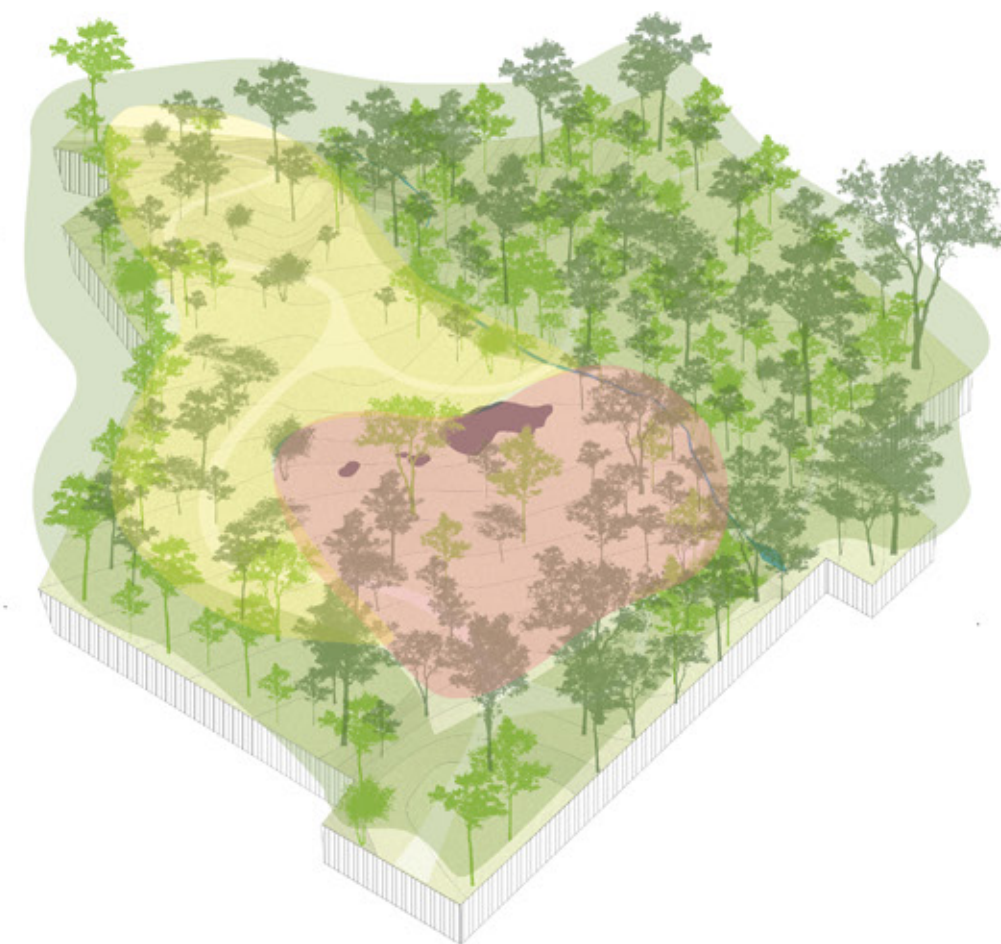
CÓRREGO
TOPOGRAFICA
ESTRATOS ARBÓREOS
ACESSOS

MAPA CONCEITUAL



CAMINHOS
DENSIFICAÇÃO DAS ÁRVORES
ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA
PONTOS FOCALIS
EIXOS

AMBIÊNCIAS



MEMBRANA
CONTEMPLAÇÃO
PRIMAVERIL



ESQ 1/1000

Social
Corpo
Diversão
Mente

- 1** Permanência e convivência
- 2** Atividade física
- 3** Parque de areia e gramados
- 4** Gramados

A criação dos jardins abraça as várias camadas vegetativas criadas de acordo com o tempo no território valendo-se também de espécies exóticas, mas em sua maioria, espécies nativas do cerrado, reforçando o potencial ornamental das espécies desse bioma, entre diferentes arranjos, e o seu cromatismo próprio que varia sazonalmente. Propõe-se jardins que suscitam as diferentes fitofisionomias do Cerrado em cada ambiência, com espécies organizadas de acordo com as perspectivas que as pessoas terão ao caminhar através do parque, criando um *continuum* de diferentes estratos vegetativos na visão, em momentos de mistério com vegetação densa e em outros em amplitude com a vegetação espalhada.

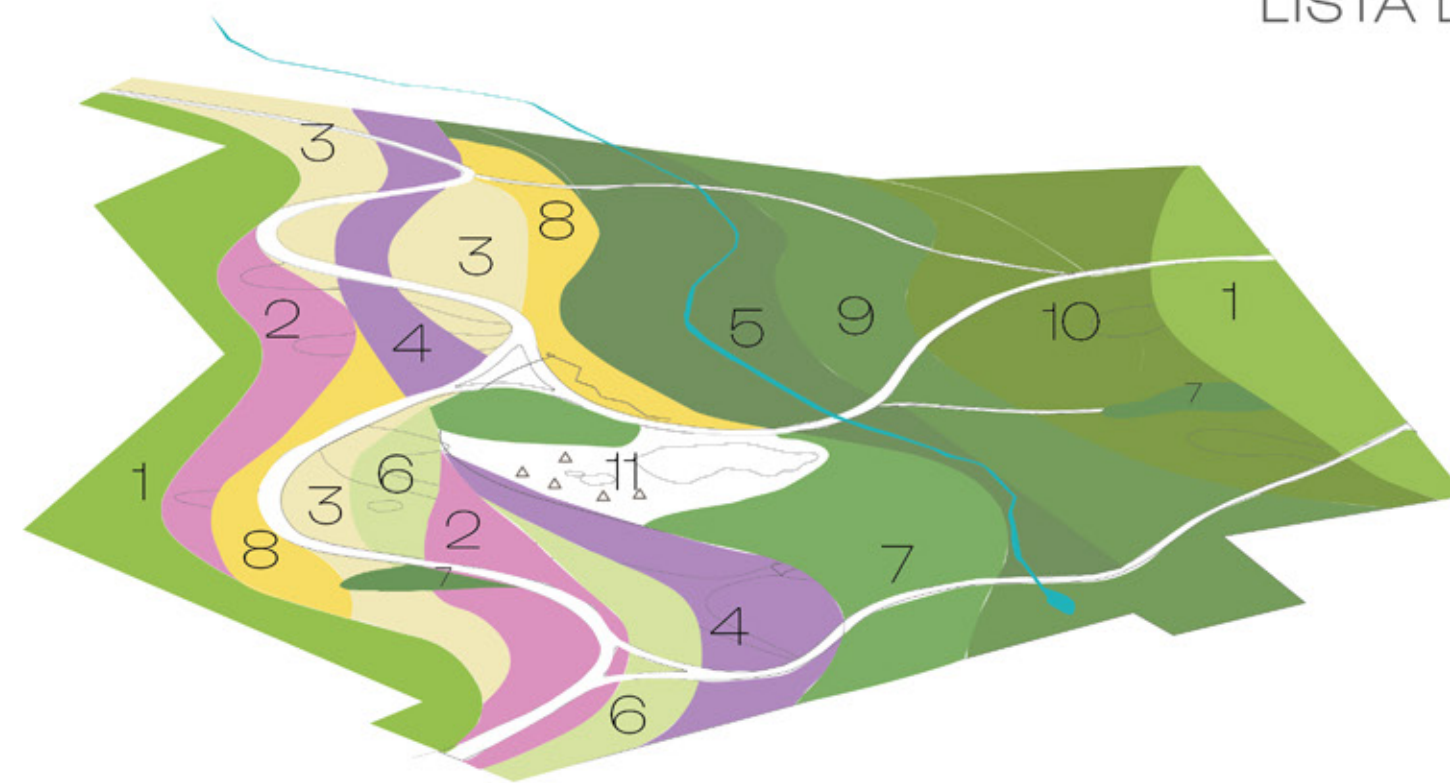
Propõe-se a densificação dos capins já existentes, em conjunto com as ervas escolhidas, como forrações por toda a área, o que contribui para a recuperação ecológica do solo, o ciclo d'água e recarga da nascente do córrego da Prata. Foram pensadas espécies de árvores, arbustos e herbáceas levando em consideração a umidade de cada área do terreno, espécies palustres foram pensadas para as margens do córrego, espécies rupestres pensadas para as áreas mais altas, e secas do terreno, e espécies sazonais pensadas para as demais áreas, num diálogo entre a vegetação espontânea e proposta.

O jardim florestal contempla a membrana que margeia o parque e protege o corpo d'água como uma mata ciliar. Forma-se por espécies palustres, adaptadas ao encharcamento, que conformam jardins úmidos. No meio do terreno, em uma área mais plana, onde o caminho cruza o córrego, as águas assumem aspectos das águas dormentes, próprias de brejos, onde por uma pequena ponte que atravessa o córrego os usuários podem experienciar esse lugar nutrido com espécies palustres e de áreas sombreadas. Numa escolha vegetacional que traz espécies arbóreas de recuperação ambiental e herbáceas com caules tipo haste - imbés, guaimbés e marantas - que vem compor a mata de galeria da nascente, se ligando a uma formação florestal do cerrado, de beira d'água.

Na parte mais baixa do terreno, embaladas pela topografia, as águas correm e o projeto também acompanha essa fluidez, propondo aí espaços de movimentos corporais ao usuário, em equipamentos de ginásticas, enquanto as crianças podem brincar nos parques infantis. Os jardins também assumem essa característica de fluidez com a presença de capins e ervas esvoaçantes formando um jardim primaveril, onde há muita luz e amplitude visual. As espécies são posicionadas justapostas com espécies de mesma cor, e criam maciços que contrastam entre si. Com árvores espalhadas e presença de capins e flores, esse jardim suscita a formação campestre do cerrado, onde árvores floridas como ipês, jacarandás e cagaitas marcam-se na paisagem, como pontos focais.

No alto do terreno, próximo as formações rochosas, são inseridas espécies rupestres, que vivem próximas às pedras, como a Canela-de-ema (*Vellozia squamata*) e Abacaxi-do-cerrado (*Ananas ananassoides*) num conjunto, as pedras e as arbustivas rupestres formam os jardins contemplativos.





Espécies de áreas úmidas

5



Grama-do-cerrado
Mesosetum chaseae
0,30 m



Juncus Comum
(*Scirpus holoschoenus*)



Calathea ornata
30-90cm

9



Andropogon leucostachysus
0, 25-1 m



Guaimbé
Philodendron bipinnatifidum
até 3m



Calathea cylindrica
1,5m

10

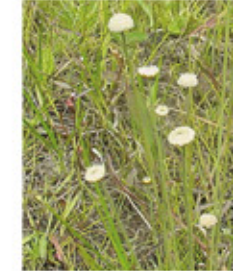


Capim Andropogon
Andropogon fastigatus
0,20-1,80 m



Taioba
Xanthosoma taioba
até 2m

8



Olho de gato
Syngonanthus h.
25-55cm

7



Grama-do-cerrado
Mesosetum chaseae
0,30 m

Transição

Espécies sazonais

1



Capim Andropogon
Andropogon fastigatus
0,20-1,80 m



Andropogon leucostachysus
0, 25-1 m



Barba-de-boda
Aristida jubata
80cm

2



Campuloclinium macrocephalum
1 m



Ipeca do campo
Polygala poaya



Carobinha do cerrado
(*jacaranda ulei*)

3



Macela
Achyrocline saturcoides
1 m



Comanthera L.B.Sm.
20-40 cm

4



Sempre viva-azul
Limonium Sinuatum
45-50 cm



Tibouchina gracilis
até 60cm



Chresta sphaerocephala
até 1,5m

6



Barba-de-boda
Aristida jubata
80cm



Sempre viva do cerrado
Leiothrix flavescens
18-35cm



Capim-pé-de-galinha
Axonopus aureus
0,30-0,70 m

11



Ananas ananassoides
40-90 cm



Vellozia angustifolia

São utilizados materiais naturais para compor a paisagem natural do parque, de maneira a causar o mínimo impacto visual e ambiental, pensando em bancos, a partir do reaproveitamento de árvores que tombaram, distribuídos pelo terreno; assim apresentam-se como bancos de tocos de madeira e bancos maiores, de troncos inteiros. Na ambiência contemplativa do terreno, caracterizada pelas formações rochosas, cria-se, numa *mimese* do natural, níveis de lajotas de pedra, que conformam uma arquibancada, da onde tem-se a vista da parte mais alta do terreno, nessa mesma ambiência, o elemento das pedras aparecem também nos caminhos secundários, de seixos, que atravessam as pedras naturais do terreno.

Na ambiência membranosa, atravessa-se corredores verdes, tanto nos caminhos principais, quanto nos caminhos secundários, em saibro, que podem ser utilizados como circuitos de caminhada ou para permanência nos bancos que se espalham entre as árvores.

Definiu-se eixos que se ligam ao viver bem, como mente, corpo, diversão e convivência, reconhecendo usos que foram implantados no parque, tais como arquibancada para a reunião de muitas pessoas, gramados para meditação e contemplação da paisagem, platôs para atividades variadas e locais para exercícios físicos, além da convivência que ocorre por todo o parque. Nos pontos focais criados pelos caminhos ao longo do terreno, são pensadas em fontes intermitentes, que acontecem em veios d'água detectados no terreno e representam um fragmento do córrego da Prata, visibilizando-o visualmente na paisagem do Parque





O projeto parte da observação atenta da área, das dinâmicas da vida pessoas que ali vivem, das atmosferas, do solo, das vegetações dispostas que criaram uma percepção que impeliu a criação de um texto imaginativo dos espaços e ambiências, que caminham para a materialização imaginativa do projeto.

Para visibilizar o que está no sítio, o córrego e suas paisagens, sugere de maneira preliminar, pequenas intervenções pontuais, como possibilidades de novos olhares para o córrego. Assim como “a imaginação é um devir” (BACHELARD, 1998) a paisagem também é um devir constante, aberta às transformações. Ao considerarmos a completude paisagística da área da nascente para a imaginação de cenários para o córrego da Prata, o projeto estará aberto aos devires.



4. PARA ALÉM DAS MARGENS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor o devaneio como ponto de partida deste trabalho, corrobora o desejo de ampliar o olhar para além das águas invisibilizadas do Córrego da Prata na cidade de Goiás. Estes veios d'água, ora latentes, ora manifestos afluem de uma paisagem urbana que evocam a imaginação de cenários harmônicos com córrego. Assim, o Projeto Parque Córrego da Prata foi construído a partir de atenta observação dessas águas que fluem entre a paisagem cerratense da área projetada e a nascente do córrego. Nessa possibilidade de visibilização da paisagem e ampliação dos cenários do córrego, através de alterações pontuais da paisagem, o projeto vale-se da poética para o fazer projetua: para além de análises técnicas do terreno, focaliza a sensibilidade deste território de Terceira paisagem e ambiências pré existentes. O devaneio e a imaginação oferecem rotas de transformação em vislumbres de melhores cenários para o Córrego da Prata na paisagem urbana, num reencontro entre o córrego, a cidade e as pessoas. Na prática, projetos urbano-paisagísticos que alumeiam o meio ambiente nas cidades, alcançam o êxito através da mudança do olhar da população.

Nesta perspectiva, o projeto foi construído também com ações bastidoriais, pensando em sensibilizar as pessoas para que pudessem refletir o seu papel na paisagem e se conectar com o córrego, abrindo janelas no olhar que se lança para o espaço em questão. Por isto, o projeto compõe-se de pequenas ações que começaram no diagnóstico, desde o exercício poético para descrever as águas do córrego até as conversas com as pessoas e provocações com imagens, além da indagação de cenários possíveis, traçando diálogos importantes para desnaturalizar a situação em que se encontra o córrego. Através de uma intervenção urbana de caráter sensibilizador na Rua Santos Dummont, local onde o córrego está numa maior situação de invisibilidade e não é possível vê-lo, realizou-se a aplicação da indicação “Aqui passa o córrego da Prata”, para evidenciar a presença do córrego onde ele está canalizado. Embora esse experimento se mostre como uma pequena ação, sem dúvidas poderá por um instante tirar o (in) de (in)visibilidade, com capacidade de alterar olhares e suscitar reflexões, ao “descobrir” as águas submersas pelo asfalto. As intervenções sugerem contextos em que as pessoas começam a se vincular, perceber o córrego e se interessar pela mudança da paisagem. Essas pequenas ações são essenciais para ressaltar as afetividades ou desafetos, e para alterar a percepção dos sujeitos, visibilizando o córrego tanto no imaginário social, quanto na cidade.

Resta revelar o desejo que este trabalho possa se configurar, de alguma forma, como uma ponte para novos olhares contrapondo-se às naturalizações que ocorrem diariamente nos ambientes urbanos, de cidades desconectadas com a natureza.



“Trazer à consciência coletiva a existência dos córregos ocultos, é um dos passos possíveis, senão uma condição indispensável, no sentido de reverter a comum associação dos rios com aspectos negativos como esgotos, lixo, inundações, e de abrir frentes para ações concretas sobre o espaço, pelo tratamento criterioso dos espaços livres e dos caminhos que os interligam; pela atenuação do impacto visual dos muros; pelo aumento da permeabilidade do solo nos becos e vielas; pela valorização das escadarias, das insurgências e mesmo dos bueiros, que não deixam de ser frestas por onde também se anuncia, embora pelo avesso, a presença da água.” (BARTALINI, 2009)



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Barbosa Lidiamar; ALONSO, Aracina Molnar; AQUINO, Fabiana de Goiás. LIMA, Jorge Enoch Furquim Werneck; SOUSA, Evie dos Santos. EMBRAPA Cerrado: restauração de Matas de Galeria e Ciliares, 2012. Disponível em: <http://www.cpac.embrapa.br/publico/usuarios/uploads/Downloads/Cartilha%20embrapa%20mata%20riparia.pdf>

AILTON, Krenak. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo. Companhia das Letras. 2019.

ARQUIVO CENTRAL DO IPHAN/ SEÇÃO RIO DE JANEIRO. Série Processos de Tombamento. Processo nº 345-T-42 - Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Cidade de Goiás (GO). 04 vol.

ASSUNÇÃO FILHO, B. M. DE; RIBEIRO, S. N. Ações Públicas Preventivas a Enchentes nas Margens Urbanas do Rio Vermelho - Cidade de Goiás. (Artigo científico) Curso de Especialização em Gerenciamento de Segurança Pública. Universidade do Estado de Goiás/Secretaria de Segurança Pública e Justiça. Goiânia-GO: 2006.

BACHELARD, G. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston, A poética do devaneio. [tradução Antônio de Pádua Danesi.] - São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARBOSA, A. S. . A CORRIDA DO OURO. XAPURI SOCIOAMBIENTAL , v. 35, p. 22-23, 2017.

BARBOSA, A. S. O Cerrado está extinto e isso leva ao fim dos rios e dos reservatórios de água, 2014 In: Jornal Opção. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/entrevistas/o-cerrado-esta-extinto-e-isso-leva-ao-fim-dos-rios-e-dos-reservatorios-de-agua-16970/> Acesso: 10 de abril, 2020.

BARTALINI, Vladimir; CABRAL, Arthur Simões Caetano (Org. e trad.). Paisagem textos v.4, 2019. (Compilação de textos com exclusiva finalidade acadêmica destinados a atividades da FAU-USP e CAU-UFG-Regional Goiás)

BARTALINI, Vladimir. 2009. Os córregos ocultos e a rede de espaços públicos urbanos (1) Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/browse/projetos> Acesso: 30 set. 2020.

BERTRAN, Paulo. As curvas do Rio Vermelho, 2002. Disponível em: <http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/handle/123456789/16848?discover?rpp=10&e->

tal=0&query=ch%C3%A1cara+goi%C3%A1s> Acesso em: 21 de maio, 2020

BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo: exercícios de paisagem/ tradução de Annie Cambe. - Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BOKOS, Helena. Jardins de cerrado: ideias para a criação de uma identidade paisagística utilizando a flor nativa. Disponível em: https://issuu.com/helenabokos/docs/ensaio_teorico> Acesso 02, fev, 2021.

CLÉMENT, Gilles. Élaboration d'une stratégie de gestion des délais de Montpellier, Gilles Clément & Coloco. Disponível em <https://en.calameo.com/read/0009180391e4f2c56f52c>> Acesso em: 10 dez. 2020

CLÉMENT, Gilles. Manifesto del Terzo paesaggio. Macerata: Quodlibet, 2005.

COELHO, Gustavo. A formação do espaço urbano nas vilas do ouro: o caso de Vila Boa. 1997. 131 f. Dissertação Mestrado em História das Sociedades Agrárias – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.

CORAJOURD, Michel, 1937. Filosofia da Paisagem Uma Antologia. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

DELSON, Roberta Marx Arquitetura e Engajamento: NOVAS VILAS PARA O BRASIL COLÔNIA Planejamento espacial e social no século XVIII Parte IV Roberta Marx Delson; [tradução e revisão, Fernando de Vasconcelos Pinto; 1979

DOSSIÊ de Proposição de inscrição da cidade de Goiás na lista do Patrimônio da Humanidade. Goiânia, 2000. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA%20Goi%C3%A1s%20WHC.pdf>> Acesso em 09 de abril, 2020

DURIGAN, Giselda ... [et al.] ; Revisão de texto Marlene Durigan ; Projeto Gráfico Vera Severo ; Fotos João B. Baitello ... [et al.] Plantas pequenas do cerrado : biodiversidade negligenciada/ Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. – 1.ed. – São Paulo : SMA, 2018. disponível em: <http://arquivo.ambiente.sp.gov.br/publicacoes/2018/12/plantas-pequenas-do-cerrado.pdf>

<https://cetesb.sp.gov.br/posgraduacao/wp-content/uploads/sites/33/2017/06/Material-adicional-Gram%C3%ADneas-no-Estado-de-S%C3%A3o-Paulo.pdf>

GALVÃO, José Leme Galvão. Patrimônio cultural urbano: Preservação e desenvolvimento, 2018. 1ª edição, editora trilhas urbanas, Goiânia.

GERENCER, Paula Brazão; ROZESTRATEN, Artur Simões. Constelações de imagens: metáforas e ensaios. Domínios da Imagem, Londrina, v. 10, n. 19, p.87-112, jul./dez. 2016.

GOYAZ - Guia de Cartografia Histórica / Elias Manoel da Silva; Wilson Viei-

ra Júnior, organizadores. - Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal, 2018. 271p. : il.

INGOLD, Tim. Repensando o animado, reanimando o pensamento. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 10-25, jul./dez. 2013.

LEIRIAS, SANTOS, TIBERIO, 2014. Aqui passa um rio lmersões na Liberdade. Disponível em https://issuu.com/gabrielaleirias/docs/relat__rio_imers__es_na_liberdade> Acesso em 20 nov 2020

LIMA, J.E.F.W. Silva, E.M. da (2002). Contribuição hídrica do Cerrado para as grandes bacias hidrográficas brasileiras. In: Anais do II Simpósio de Recursos Hídricos do Centro-Oeste. Campo Grande: ABRH. Cd-Rom.

LIMA, J. E. F. W.; SILVA, E. M. da. Análise da situação dos recursos hídricos do Cerrado com base na importância econômica e socioambiental de suas águas. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2008..

LIMA, J.E.F.W. Situação e perspectivas sobre as águas do Cerrado. Ciência e Cultura, v. 63, p. 27-29, 2011

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Disponível em <https://www.gov.br/mma/pt-br> Acesso: 10 de abril, 2020.

MINUTADO DIAGNÓSTICO REALIDADE DO MUNICÍPIO DE GOIÁS Revisão do Plano Diretor Goiás, 2018.

NUNES, Carolina. Novas referências para rios e cidades, 2017. Disponível em: <http://www.humanitat.com.br/pb/artigos/novas-referencias-para-rios-e-cidades/>> Acesso em 04 de junho, 2020

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. 2014 História e Cultura, Franca, v.3, n.3 (Especial), p. 306-324, dez. 2014. AS TRAGÉDIAS COMO EVENTO HERMENÊUTICO: AS ENCHENTES DO RIO VERMELHO NA CIDADE DE GOIÁS

OLIVEIRA, L.L. A conquista do oeste <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Brasilia/ConquistaOeste>

OLIVEIRA, Jorge. E. de; VIANA, Sibeles.A. Pré História da região Centro-Oeste do Brasil. 2011 Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo:oliveira-2000/Oliveira_Viana_2000_Pre-Historia.pdf> Acesso em 04 de dezembro, 2020

PIERRON, Jean-Philippe. Penser comme un fleuve ». Le rôle de l'imagination dans l'agir environnemental : prévision, prospective, rêverie. In Geocarrefour, 2018. Disponível em <<http://journals.openedition.org/geocarrefour/10382>>. Acesso em 24 dez, 2020.

PIERRON, Jean-Philippe. Poétique de l'arbre et de la forêt. Une palestra bache-

lardienne de l'œuvre de Jean Giono, 2012. Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/307736865_Poetique_de_l%27arbre_et_de_la_foret_Une_lecture_bachelardienne_de_l%27oeuvre_de_Jean_Giono> Acesso em 25 dez, 2020.

REVISTA LABVERDE/Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Departamento de Projeto. LABVERDE – Laboratório Verde – v.1,n.8 (2014) – São Paulo: FAUUSP, 2014 –

SANTOS, Milton. Atlas Nacional do Brasil/ IBGE, Diretoria de Geociência. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

SANTOS, Wellen Cintia Bispo dos. 2012. IMPACTOS AMBIENTAIS: CORREGO DA PRATA NA CIDADE DE GOIÁS PEDE SOCORRO. Disponível em <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7738/1/2012_WellenCintiaBispodosSantos.pdf> Acesso em maio de 2020.

SARTORELLI, Paolo Alessandro Rodrigues Guia de plantas da regeneração natural do Cerrado e da Mata Atlântica / Paolo Alessandro Rodrigues Sartorelli, Eduardo Malta Campos Filho. São Paulo : Agroicone, 2017. http://www.agroicone.com.br/wp-content/uploads/2019/11/INPUT_Agroicone_Guia-de-Plantas-da-Regeneracao-Natural-do-Cerrado-e-da-Mata-Atlantica.pdf

SOUV, RETROSPECTIVE STATEMENT OF OUTSTANDING UNIVERSAL VALUE (2012) Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20Goias%20RSOUV.pdf>> Acesso em 15/04/2020

GUIA DE CAMPO Vegetação do Cerrado 500 espécies. Brasília - 2011. Disponível em <<https://www.bibliotecaagptea.org.br/agricultura/biologia/livros/GUIA%20DE%20CAMPO%20-%20VEGETACAO%20DO%20CERRADO%20-%20500%20ESPECIES.pdf>>

KOPENAWA, Albert, Bruce, Davi A queda do céu : Palavras de um xamã yanomami / Davi Kopenawa e Bruce Albert ; tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

MARTINI, Gerlaine. Revista Calundu -vol. 1, n.2, jul-dez201742. Faces da mãe d'água: saberes da conservação. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/7633/6302>

PARQUE CÔRREGO DA PRATA

Subindo a penosa ladeira da Hermógenes Coelho, pela tarde, há um respiro no calor escaldante que se concentra no asfalto dessa árida rua. Sente-se na pele ao se aproximar: sombra e água fresca. Uma agradável mancha verde se delineia aos olhos e, pelos ouvidos, ouve-se o canto dos passarinhos que ali estão. A tranquilidade da natureza é notável, mesmo em meio ao urbano pacato de Goiás. Numa diluição entre o espaço urbano e o espaço natural, o lugar convida o passageiro para o descobrimento: o verde delineia caminhos cujo destino não se sabe ao certo sem atravessar a densa vegetação latifoliada, que acompanha uma diversidade de capins. O contemporâneo desenho de piso, os caminhos misteriosos e a presença de árvores frutíferas margeando o parque chamam a atenção do passageiro para o local, que é convidado a parar e abrigar-se à sombra das árvores, contemplar a paisagem, degustar frutas, ou adentrar o maciço verde para experimentar o que mais o parque pode oferecer. Se o caminhante segue o desejo de descoberta, ele atravessará corredores vegetativos que numa espécie de membrana, envolvem a nascente: é a mãe natureza protegendo suas águas através da vegetação ciliar; guaimbês, taiobas, juncos, marantas e bananeiras se organizam ao redor das águas formando jardins úmidos que sopram hálitos frescos.

Ao atravessar essa camada, os corredores se abrem e evidenciam uma área ampla e iluminada do parque, com uma variedade de espécies caducifólias, sendo possível reconhecer ipês, anoeiras, copaibas, e jacarandás, num arranjo com capins e espécies herbáceas, entre cores e texturas que em justaposição trazem um jardim com ar primaveril. O parque é um quintal urbano: pessoas reúnem-se para conversar, praticar exercícios físicos, respirar ar puro ou apenas contemplar o lugar; o sentimento geral é de familiaridade e sentir-se em casa no local. O ar é fresco e desanuviado, as crianças e os pássaros fazem uma sinfonia com as rãs ao entardecer. No meio do parque existem formações rochosas, que por sua exuberância, são uma atração por si só, além de serem um bom lugar para mirar o entardecer, de onde se pode ver o pôr do sol emoldurada pelos morros. Na parte mais alta do terreno, as pessoas aproveitam os grandes gramados e a vista quase inteiriça do parque, que parece ser um jardim infinito, margeado por grandes árvores que cultivam uma atmosfera própria da área, distinta do urbano.



D-D
esc 1/500



E-E
esc 1/500



F-F
esc 1/500

